Faculdade Pernambucana de Saúde

Graduação de Psicologia

Função Fraternal: Uma análise dos filmes Irmão Urso e Dois Irmãos

Fun. Fra.: Uma anál. dos fil-s Ir. Ur. e D-s Ir-s

Recife

2022

Resumo

A temática da fraternidade é uma questão teórica bastante atual. As publicações no campo das ciências humanas e as diversas imersões deste tema que veem sendo abordado no universo cinematográfico evidenciam isso de diferentes maneiras. A simples consideração e evocação nos mostra “uma novidade” importante, na medida em que nos revela a emergência de outro conceito para o trabalho do pensamento. Tendo isso em mente este estudo analisou os filmes “Irmão Urso” e “Dois Irmãos” da Disney e Pixar. Utilizou-se de uma análise qualitativa/descritiva que resultou na identificação da função fraterna nos diferentes filmes, levando em consideração esta temática devido à forte influência que esta função exerce na dimensão psíquica do sujeito, onde foi possível analisar essa relação em vários momentos de ambos os filmes, onde a função fraterna se fez presente como "ponte de sustentação" para o sujeito em sua construção. Foram analisadas as cenas em que foi possível observar a relação entre irmãos e o que viria a ser a função fraterna e suas influências, sendo articuladas as cenas selecionadas dos filmes com os conceitos teóricos baseados em estudos psicanalíticos que foram essenciais enquanto método para o suporte dentro da temática e da problemática em questão.

Palavras Chaves: Função, fraterna, paterna, identificação, irmãos

ABSTRACT

The theme of fraternity is a very current theoretical question. Publications in the field of human sciences and the various immersions of this topic that have been approached in the cinematographic universe show this in different ways. The simple consideration and evocation shows us “an important novelty”, insofar as it reveals the emergence of another concept for the work of thought. With that in mind, this study analyzed the Disney and Pixar films “Brother

Bear” and “Two Brothers”. A qualitative/descriptive analysis was used, which resulted in the identification of the fraternal function in the different films, taking into account this theme due to the strong influence that this function has on the subject's psychic dimension, where it was possible to analyze this relationship at various times in both the films, where the fraternal function was present as a "support bridge" for the subject in its construction. The scenes in which it was possible to observe the relationship between brothers and what would become the fraternal function and its influences were analyzed, being articulated the selected scenes of the films with the theoretical concepts based on psychoanalytic studies that were essential as a method for the support within of the theme and problem in question.

Key-words: Function, fraternal, paternal, identification, brothers

Resumen

El tema de la fraternidad es una cuestión teórica muy actual. Las publicaciones en el campo de las ciencias humanas y las diversas inmersiones de este tema que se han abordado en el universo cinematográfico lo muestran de diferentes maneras. La simple consideración y evocación nos muestra “una importante novedad”, en la medida en que revela el surgimiento de otro concepto para el trabajo del pensamiento. Con eso en mente, este estudio analizó las películas de Disney y Pixar “Brother Bear” y “Two Brothers”. Se utilizó un análisis cualitativo/descriptivo, que resultó en la identificación de la función fraternal en las diferentes películas, teniendo en cuenta esta temática debido a la fuerte influencia que esta función ejerce en la dimensión psíquica del sujeto, donde fue posible analizar esta relación en varios momentos de ambas películas, donde la función fraterna se hizo presente como "puente de apoyo" del sujeto en su construcción. Se analizaron las escenas en las que se pudo observar la relación entre hermanos y lo que sería la función fraterna y sus influencias, articulándose las escenas seleccionadas de las películas con los conceptos teóricos basados en los estudios psicoanalíticos que fueron fundamentales como método para la apoyo dentro del tema y problema en cuestión.

Contraseñas: Función, fraternal, paternal, identificación, hermanos

Sommaire

Le thème de la fraternité est une question théorique très actuelle. Les publications dans le domaine des sciences humaines et les différentes immersions de ce sujet qui ont été abordées dans l'univers cinématographique le montrent de différentes manières. La simple considération et évocation nous montre « une nouveauté importante », dans la mesure où elle révèle l'émergence d'un autre concept pour le travail de la pensée. Dans cet esprit, cette étude a analysé les films Disney et Pixar "Brother Bear" et "Two Brothers". Une analyse qualitative/descriptive a été utilisée, qui a abouti à l'identification de la fonction fraternelle dans les différents films, en tenant compte de ce thème en raison de la forte influence que cette fonction exerce sur la dimension psychique du sujet, où il a été possible d'analyser cette relation à divers moments dans les deux films, où la fonction fraternelle était présente comme un "pont d'appui" pour le sujet dans sa construction. Les scènes dans lesquelles il était possible d'observer la relation entre frères et sœurs et ce qui allait devenir la fonction fraternelle et ses influences ont été analysées, en articulant les scènes sélectionnées des films avec les concepts théoriques basés sur des études psychanalytiques qui étaient essentiels comme méthode pour la soutien dans le cadre du thème et du problème en question.

Mots clés: Occupation, fraternel, paternel, identification, frères

SUMÁRIO

I. Introdução	1
II. Metodologia	9
III. Justificativa.....	9
IV. Discussão.....	10
4.1- Irmão Urso	10
4.1.1- Sinopse	10
4.1.2- A relação dos irmãos e a representação do totem	12
4.1.3- Kenai e Koda.....	14
4.2- Dois Irmãos	15
4.2.1 Sinopse	15
4.2.2- A dinâmica familiar.....	16
4.2.3- Pai Real x Pai Simbólico.....	17
4.2.4- O irmão mais velho	18
4.3 - A relação entre os filmes.....	18
V. Considerações Finais	20
VI. Referências	20

I. Introdução

A fraternidade é uma questão teórica bastante presente na atualidade. As publicações no campo das ciências humanas e as diversas imersões deste tema sendo abordado no universo cinematográfico evidenciam isso de diferentes maneiras. A simples consideração e evocação nos mostra “uma novidade” importante, na medida em que nos revela a emergência de outro conceito para o trabalho do pensamento (Birman, J. 2003).

Analisado de um contexto cultural e antropológico a fraternidade seria “o fim para que fomos criados”, é um conceito filosófico profundamente ligado às ideias de Liberdade e Igualdade com as quais forma o tripé que caracterizou grande parte do pensamento revolucionário francês "Liberdade, Igualdade e Fraternidade". A ideia de fraternidade estabelece que o homem, como animal político, faz uma escolha consciente pela vida em sociedade e para tal estabelece com seus semelhantes uma relação de igualdade, visto que em essência não há nada que os diferencie de forma hierárquica: são como irmãos. (Barzotto, L. F. 2019). Os animais que vivem em bandos o fazem por simples instinto, mas isso ajuda na sobrevivência, nós, além do instinto, temos a vontade e os sentimentos e isso dá todo um outro significado, pois adquirimos não apenas o sentido de coletividade, mas também de fraternidade.

A identidade é a forma pela qual nós nos reconhecemos como pessoas. Na tradição, o termo identidade era algo que nunca foi posto em questão. Temos as identidades familiares, religiosas, políticas, étnicas, profissionais etc. Hoje em dia, com as mudanças dos costumes nos moldes contemporâneos todo esse conceito acaba sendo questionado. Ao tratar de um termo como o de identidade na visão psicanalítica, Freud traz a identidade como o resultado de um longo processo de identificações em que o sujeito assimila, total ou parcialmente, à maneira de uma incorporação oral, propriedades e atributos de um outro. Citando sentimento que faz o sujeito dizer-se identificado *a*, identificado *com*, que experiência de um *dever* em busca de si

mesmo, dando-se conta da existência de um movimento que se desenvolve à recusa do pensamento lógico e racional (FREUD,1914/1996). Trata-se de processo inconsciente diferente de imitação. (Campos, D. 2008).

Trazendo o conceito que é considerado por muitos como o fundamento da Antropologia Freudiana ou da Antropologia psicanalítica, Totem e Tabu é um trabalho em que Freud lê o que havia de disponível de teoria da sociedade partindo da descrição da horda primeva de Darwin, em torno de um processo para entender como passamos para o estado de vida social. (Birman, J. 2003). Freud em seu texto busca explicar sobre a certa regularidade vista em seus pacientes envolvendo a constante hostilidade que o menino desenvolve em relação ao pai em determinado momento, entrando em conflito com o pai ou se aproximando/tendo dificuldades para se desligar de sua mãe. Então ele estuda em Totem e Tabu uma constante que aparece em todas as civilizações, em todos os povos, que é o horror ao incesto. (Rocha, H. D. F. O. 2012). Em seu texto Freud desdobra a questão do horror em atitudes que determinados povos melanésios e polinésios têm em relação às interdições no geral denominados tabu, sendo aquilo que não pode ser tocado, que não pode ser comido, que não pode ser feito, "beirando" o sagrado.

Em sua observação Freud analisa que apesar de muitos animais, plantas serem sagradas em determinadas culturas em momentos específicos elas são “profanadas”, como exemplo culturas que veneram determinados animais, mas em datas específicas matam esse animal e se alimentam dele de maneira ritualística. Com essa observação Freud vai juntar ao pensamento de um fenômeno clínico, a ambivalência, como nas nossas relações tão frequentemente aquilo que a gente respeita, ama e admira é invertido para algo que a gente não respeita, ataca e odeia, essa inversão vai ser então estudada do que ele chama de “pensamento limista” onde haveria uma visão muito discutida entre a forma simbólica que a criança pensa, como os psicóticos pensam e como as “sociedades primitivas” pensavam (Godoi, B. S., & Noé, S. V. 2018). Ao

final do trabalho, Freud criou um mito que Lacan chamou de mito inventado pela psicanálise, ou seja, um mito feito para reflexão, sendo esse mito uma hipótese que Freud lança a partir de seus trabalhos de campo que se baseia no seguinte roteiro: *No começo os humanos eram organizados em hordas, como os primatas mais fortes que empunhavam o seu poder de forma violenta sobre os seus dominados, esse pai da horda primitiva então expulsava os homens e ficava com todas as mulheres para si, em um dado momento algum desses filhos poderia se rebelar e matar o pai consequentemente ocupando o seu lugar, podendo ser morto tanto pelos seus irmãos como por aqueles que surgissem para ocupar o seu lugar.*

Com isso Freud especula como sendo o pacto primordial, onde os homens segregados matam o pai e institui um representante simbólico que seria o totem, representando o pai que foi morto (um animal, uma planta, um lugar etc.), algo sagrado e intocável, a partir disso seria estabelecida uma regra da interdição do incesto e com isso o da isonomia. Ninguém poderia se casar com qualquer um, um homem não poderia ter todas as mulheres para si, a escolha seria uma representação da castração, da limitação das nossas possibilidades de parentesco. Isso instituiu a família e as regras sociais primárias, montando as estruturas de parentesco, ou seja, nos constituímos enquanto sociedade. (Pontes, A. M. 2004).

Totem e tabu é uma história mítica que é reeditada por cada um de nós, no momento edipiano em que temos que nos haver com o pai da horta primitiva, temos que entender o dilema da interdição do incesto, lidar com nossa hostilidade, temos que nos inscrever no mundo social, por isso Totem e Tabu é um mito sobre humanização, é um mito sobre a constituição de um sujeito humano enquanto sujeito simbólico. Diante deste trabalho Freud explica um conjunto vasto baseado em rituais religiosos, sociais, animistas, que estariam baseadas na reencenação desse banquete totêmico onde nos reunimos, comemos, ingerimos, que nos determina como submetidos a lei, onde, por exemplo, na missa ingerem a hóstia que representa o fragmento

divino, onde há uma identificação com o pai da horda primitiva e na mitologia grega o conto de Cronos e Zeus.

Segundo a mitologia grega, Cronos liderava como a principal divindade dos primeiros titãs na história, isso porque ele influenciava a agricultura e o próprio tempo, decidindo o curso da história para todos e o seu poder e postura impressionaram a todos. Infelizmente, a divindade era gananciosa e lutou contra o próprio pai, assumindo o poder e se casando com sua irmã, entretanto, havia uma antiga profecia que contava de seu destino. Segundo esta profecia, ele seria derrubado por um de seus filhos. A fim de evitar esse destino, o deus acabou devorando cada filho que tinha com a deusa Reia para se safar.

Entretanto, sua esposa escondeu um deles, Zeus, e entregou uma pedra enrolada em pano ao marido que não desconfiou. Adulto, Zeus libertou cada titã aprisionado e uniu forças para fazer o mesmo por seus irmãos, expulsando seu pai. Assumindo seu lugar, se tornou imortal, graças à dádiva do seu pai.

Sobre a formação do sujeito, é visto nas obras de Freud e Lacan textos que demonstram que o sujeito é um ser que se constitui e não nasce formado. Freud vai afirmar que o sujeito é fundado na linguagem por já existir na história e no desejo de seus pais. Lacan, ao tomar a teoria de Freud expõe que o sujeito vai depender do Outro para a sua constituição, sendo essencialmente discursivo, para ele o sujeito, ao ser inserido no discurso dos pais já está na linguagem, pois estes são os que o perpassam e transmitem os significantes das histórias familiares que vão fundar o sujeito. (Theisen, A. P. 2014).

Para um maior entendimento, é preciso compreender o complexo de Édipo a partir da teoria Freudiana e principalmente a partir da perspectiva Lacaniana. Para Freud o complexo de Édipo é uma fantasia que, como tal, é uma cena de satisfação de um desejo erótico infantil (inconsciente) e, portanto, um momento de uma problemática fundamental e constante: a da

eliminação de excitações pelo aparelho psíquico. Em Lacan, o complexo de Édipo não pode ser reduzido à fantasia, nem entra na problemática da eliminação de excitações, diferentemente de Freud, Lacan distingue entre o conteúdo (imaginário) das fantasias inconscientes e o processo estruturante. Nos termos lacanianos, a criança se relaciona com uma mãe e pai imaginários, reais e simbólicos (Barretta, J. P. F. 2012).

Lacan partindo da teoria freudiana traz que o conflito edipiano não deve ser reduzido à sua dimensão imaginária, às fantasias de incesto, parricídio e castração, mas ao invés disto, deve ser compreendido mais propriamente como um mito, no sentido em que a análise estrutural o concebe, isto é, uma tentativa de elaborar a solução de um problema. O conflito edipiano não é apenas uma fantasia, ele teria uma função estruturante. Assim, as fantasias que giram em torno do pai e da mãe imaginários são um momento do complexo de Édipo estrutural, um momento de um processo estruturante que diz respeito, em última instância, à existência e à sexualidade (Barretta, J. P. F. 2012).

A função materna é essencial para que o bebê se constitua psiquicamente. Cabe a função materna transmitir o desejo ao bebê, de existência; sentimento de pertencimento a uma história, desejo de viver que não seja anônimo. No início da vida, a função materna é considerada a mais importante, sendo a função psíquica relacionada a recepção do “ser órfão” de um bebê que é pressentido como absolutamente dependente e que necessita de acolhimento e cuidados. Porém, desde esse momento inicial da vida, as funções paterna e materna estão interligadas conseqüentemente se tornando complementares. (Bion, W. R. 1991). Importante se atentar que são funções mentais/simbólicas que consiste na capacidade que a criança adquire de diferenciar significantes e significados, por meio de suas manifestações, a criança torna-se capaz de representar um significado (objeto, acontecimento) através de um significante diferenciado e apropriado para essa representação sendo assim não estão diretamente relacionadas com algum

gênero sexual, que desempenhe uma ou outra função necessariamente. Uma mãe possui função paterna, assim como um pai possui função materna e vice-versa. O “ser pai” vai poder flutuar em um espectro de possibilidades formado entre essas duas funções.

A partir da visão psicanalítica, ao nos referimos a noção de pai, temos que ter como referencial o mito simbólico do pai da horda primitiva, assim, a teoria de Freud possui o seu fundamento na conceituação do pai da horda primitiva ou primeva. O pai lacaniano é essencialmente um *pai simbólico*, sendo porta de entrada na cultura, para Lacan, o conflito edipiano tem uma função humanizante, a de permitir o surgimento de um sujeito.

O ponto de partida da interpretação lacaniana do complexo de Édipo é de que mesmo na relação primordial da mãe com seu filho, existe um terceiro elemento: o falo desejado. Com isso, esse primeiro tempo do conflito edipiano se inicia não com uma relação dual, e não com o desejo da criança pela mãe, mas com o desejo da criança de ser o objeto de desejo da mãe, o que leva à identificação da criança com o falo imaginário da mãe, o que Lacan chama de *narcisismo primário* (Barretta, J. P. F. 2012). Nesse momento, em situações favoráveis, intervém a *castração*, isto sendo, a intervenção do pai, que retira a criança da situação de ter que satisfazer a falta materna, retirando-a da situação cativa em que se encontrava, rompendo o par narcísico. Agora, esse pai que restabelece a ordem é o que Lacan chamou de *pai simbólico*. Esse pai simbólico vai ser aquele que se faz presente como um significante-isto é, ele é o *nome do pai*, sendo uma metáfora ou um significante que surge no lugar de outro significante.

Sendo assim, o *pai simbólico*, o *nome-do-pai*, acaba sendo uma metáfora do desejo da mãe que ao nomeá-lo afasta e barra esse desejo. Esse significante que nomeia o desejo materno afastando-o será, ao mesmo tempo, o significante com o qual me identifico. Isso significa basicamente que o complexo de Édipo marca a passagem da identificação com o *objeto imaginário do desejo da mãe* (falo imaginário), para a identificação com o *significante do*

nome-do-pai. Desse modo, pode-se dizer que o que Lacan fez, foi, por um lado, vincular o tema freudiano do Édipo, a partir da influência da antropologia estrutural, ao problema da *identidade*, de *quem eu sou*, ou mais exatamente, vincular o tema do ser (*quem eu sou*) ao tema do desejo (*do Outro*) e, por outro, colocar o complexo de Édipo como momento estruturante que marca a passagem do reino da natureza (imaginário) para a cultura (simbólico) (Barretta, J. P. F. 2012)..

Importante acrescentar que a presença da função paterna e materna se sustenta ao longo da vida dos pais, mudando de intensidade e de importância de acordo com as circunstâncias da vida do filho. Mas também são funções que se transmite, de modo que um jovem adulto pode ter o seu próprio filho e valer-se das funções materna e paterna prontas para serem desempenhadas com uma nova criança, quando elas podem ser incorporadas como parte da sua personalidade.

Ao analisar uma função que é pouco falada na literatura sendo ela a função fraterna Maria Rita Kehl articula em seu livro *Função Fraterna*, dizendo que esta passagem do coletivo ao individual através da narrativa mítica faz muito sentido na modernidade, quando vivemos sob formas muito cristalizadas do mito. O individualismo moderno promove este recalque do caráter coletivo do que determina nossos atos, isto é justamente o que precisa ser recuperado para restaurar a confiança dos sujeitos no laço social, em relação ao qual somos todos ao mesmo tempo, agentes e objetos.

Importante ressaltar que a função fraterna não substitui a função paterna, função essa que opera para fundar o sujeito (no sentido do sujeito do desejo inconsciente). Nesse caso podemos questionar o que a função fraterna é capaz de operar para o sujeito, quando a primeira falha. Fica claro em seu livro que Maria Rita Kehl se refere ao que ocorre quando os irmãos têm idades próximas, o que favorece a identificação. Lacan em sua obra chama a atenção do leitor para este tópico, afirmando que o papel psíquico do irmão depende do momento de seu

aparecimento na vida do sujeito, quando é excessivamente precoce (durante o desmame, por exemplo), é mais provável que sua intrusão promova impulsos de destruição imaginária do outro ou uma regressão em direção ao objeto materno, anterior. Quando é muito tardia, é provável que o irmão seja "adotado", lançando o sujeito no plano das identificações parentais e mobilizando sentimentos de ternura e proteção. (Kehl, M. R. 2000)

Lacan, ao analisar o que chama de "complexo fraterno", enfatiza a identificação como o aspecto determinante da rivalidade entre irmãos. O irmão é, para a criança, como um duplo que vem ameaçar e desestabilizar esta identidade imaginária em relação à sua imagem no espelho, destaca a importância desta "introdução temporária de uma tendência estrangeira para a formação do eu". No "Estádio do espelho", escrito dez anos depois do texto sobre o complexo fraterno, Lacan enfatiza a função do outro como essencial para que a criança se mova, do encantamento alienante em relação à própria imagem, para uma objetivação do eu. O espelho, escreve Lacan, é a "matriz simbólica na qual o eu se precipitei em uma forma primordial, antes de objetivar-se na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito". Mais adiante em seu texto Lacan traz que " Este momento em que termina o estágio do espelho inaugura, pela identificação com a imagem do semelhante, o drama dos ciúmes primordiais a dialética que desde então liga o eu a situações socialmente elaboradas. Em Lacan, o drama do ciúme está intrinsecamente ligado a uma dependência de desejo do outro, que precipita o jogo das Identificações e permite a "normalização" dos investimentos pulsionais. (Lacan, J. 1998).

O presente trabalho busca analisar a partir da teoria psicanalítica a função fraterna nos filmes "Irmão Urso" e "Dois Irmãos – Uma Jornada Fantástica" e em como a função fraterna se torna capaz de ser realizada entre os protagonistas na ausência do pai da realidade.

II. Metodologia

Com embasamento nos estudos apresentados anteriormente, o presente trabalho faz uma análise qualitativa/descritiva dos filmes “Irmão Urso” e “Dois Irmãos – Um Jornada Fantástica”. É levado em consideração esta temática na estruturação do tema em questão, devido à forte influência que exerce na dimensão psíquica do sujeito, sendo possível analisar essa relação em vários momentos dos filmes, onde a função fraterna se faz presente como "ponte de sustentação" para o sujeito em sua construção. Portanto, serão analisadas a partir da abordagem psicanalítica. Utilizando como base os textos de Freud e Lacan que fazem referência a temática do trabalho, referente as cenas em que é possível observar a relação entre irmãos o que viria a ser a função fraterna e suas influências. A partir disso serão articuladas as cenas selecionadas dos filmes com os conceitos teóricos baseados em estudos dentro da temática e da problemática em questão.

III. Justificativa

A decisão das pesquisadoras em analisar a temática da fraternidade surgiu por ser um assunto que o cinema sempre trouxe, mas que nos últimos anos tem sido abordado cada vez mais trazendo uma perspectiva visual que gera identificação do público. No entanto, as pesquisas e estudos nesta área ainda são escassos, trazendo pouca visibilidade sobre a temática para a comunidade científica. A escolha dos filmes se deu devido a forma com que a função fraterna é simbolizada na obra, é apresentada como algo essencial na vida dos personagens principais desde a infância, influenciando toda a sua trajetória e servindo de alicerce, mesmo em meio ao sofrimento de suas jornadas. Assim, identifica-se a relevância de explorar essa temática com base nos filmes escolhidos pela distância de tempo de suas construções (17 anos) que apesar de distantes tratam de temas similares mostrando ser algo atemporal é necessário ser abordado e que por serem animações conseguem tratar a temática de forma complexa e ao

mesmo tempo de maneira lúdica com uma certa leveza, seja pela forma utilizada dos recursos audiovisuais presentes em filmes de animações e diálogos com uma linguagem mais acessível para todas as faixas etárias, a partir de um olhar psicanalítico para a relação dos irmãos nos respectivos filmes, sendo possível observar a influência dos mesmos na vida dos protagonistas.

IV. Discussão

4.1- Irmão Urso

4.1.1- Sinopse

O filme Irmão Urso é um dos clássicos, lançado pela Walt Disney, em 2003, sob a direção de Aaron Blaise e Robert Walker. O filme retrata uma história passada há 10.000 anos, ao final da Era Glacial, em uma região fictícia na costa do Pacífico, a noroeste do continente norte-americano. É inspirado na tradição dos mitos de transformação encontrados em diversas culturas do mundo e destaca a fraternidade, a relação entre irmãos, o companheirismo e a relação do ser humano com a natureza.

O filme conta a história de Kenai e sua relação com seus irmãos mais velhos (Denahi e Sitka) e ressalta a importância da natureza para esses personagens e para a comunidade em que vivem. Os irmãos vivem em uma aldeia indígena constituída por valores, crenças e mitos que valorizam a natureza como um agente poderoso e que não deve ser contrariado. Dentre os seus rituais, está a cerimônia em que as crianças, quando atingem uma determinada idade, recebem um totem que simboliza a mudança da infância para a vida adulta. Este totem é representado pela figura de um animal que é considerado como o símbolo daquele que o carrega no pescoço. Este símbolo torna-se um protetor e é um objeto de tabus e deveres particulares (ele precisa emitir comportamentos responsáveis que beneficiem a sobrevivência da comunidade), O ritual

se completa quando a criança, após realizar um feito digno ou seja, aqueles em prol de sua aldeia e confirmar a responsabilidade atribuída pelo totem, deixa a marca de sua mão num paredão, juntamente com as marcas de seus ancestrais.

Kenai é o mais novo deles, e vai passar por um ritual em que ganhará seu totem, ele espera algo como a coragem ou força, seguindo os passos de seus irmãos onde o totem de seu irmão Sitka (mais velho) representa a liderança, enquanto o totem de seu irmão Denahi (irmão do meio) representa a sabedoria, mas ganha o urso, que representa o amor. Quando, logo depois, Sitka morre ao lutar contra um urso, Kenai não quer saber de amor e procura o animal para se vingar. Ao matar o urso, os espíritos dos ancestrais que regem os acontecimentos na terra decidem que é hora de o caçula conhecer “o outro lado da moeda”, e o transformam em um urso.

Aterrorizado com a sua nova forma, Kenai quer voltar a ser humano. Impossibilitado de falar com seu irmão Denahi, Kenai junta-se a Koda, um filhote de urso que sabe o caminho para um encontro anual de ursos conhecido como “corrida do salmão” próximo à montanha onde as luzes tocam o chão - o único lugar onde Kenai pode ser transformado. Mas o caminho até lá não será fácil, durante o percurso Kenai tem que lidar com todos os seus preconceitos em relação aos ursos já que para ele não fazia sentido os ursos serem a representação do amor quando um urso foi capaz de matar seu irmão. Denahi, pensa que aquele mesmo urso matou seu irmão caçula, e deseja vingança.

Com isso, Denahi passa a explorar as regiões para além da sua aldeia, com a finalidade de encontrar o urso e vingar-se. Cada um assume um propósito diferente nesta jornada, mas o motivo que move cada um deles é o mesmo, a fraternidade. Em meio aos desafios enfrentados na trajetória, cada personagem vai adquirindo informações, construindo e desconstruindo preconceitos. As surpreendentes descobertas influenciam no amadurecimento e apropriação do

totem de cada um. Enfim ao chegar ao final da jornada, a montanha "onde as luzes tocam o chão", momento em que cada personagem vai tentar cumprir o propósito inicial da trama, vingança, recuperação da forma física, reencontro, haverá o reconhecimento de cada sujeito na esfera física e psíquica, mediado por palavras e olhares. Os personagens a partir de tais reconhecimentos farão uma escolha que cumprem, acima dos desejos pessoais, o dever do totem, o qual é um mecanismo para a civilização.

4.1.2- A relação dos irmãos e a representação do totem

No início do filme somos apresentados ao xamã da aldeia que contextualiza sobre “as luzes” (a aurora boreal) que são como os espíritos dos ancestrais e que eles podem provocar mudanças na terra. Um dia antes da cerimônia de entrega do totem a xamã entra em contato com esses espíritos que revelam os totens dos atuais jovens da aldeia, durante esta cerimônia os membros da aldeia utilizam peles e penas que representam esta figura totêmica de cada um, este totem os guiará durante toda a vida e assumindo a forma de seu totem após a morte. Freud em Totem e Tabu (1913) cita esta prática e sua representação para estas civilizações, sendo a forma de “possuir” a essência daquele animal em momentos ritualísticos.

É perceptível durante o filme a relação do totem com a dinâmica destes três irmãos, Sitka, o mais velho, possui a Águia da Orientação que apresenta a liderança e cuidar de seus irmãos mais novos sendo um papel socialmente esperado de um irmão mais velho, por serem órfãos o irmão mais velho assumiu o papel de chefe da família sendo necessário agir com uma determinada postura. Nichols e Schwartz (2007) expõem que conforme a posição ocupada no sistema familiar, os irmãos desenvolvem características de sua personalidade. Os primogênitos tendem a reconhecer o poder e a autoridade, utilizando a altura e força para preservar sua posição na família. Como contraponto, os que nascem depois tendem a se identificar com os

oprimidos, tornando-se abertos a novas experiências. Essa receptividade os ajuda a encontrar um lugar não ocupado ou preenchido por outro membro da família.

O filho mais novo, segundo Britto (2002) tem a capacidade de perpetuar nos pais a imagem de frágil, dependente e carente de cuidado e proteção, mesmo que a diferença de idade entre o mais novo e o mais velho não sejam grandes, o que pode representar uma necessidade por parte dos pais de reterem o filho e, assim, não perderem suas funções de cuidar e proteger. Ainda que na animação as figuras paternas não sejam evidentemente postas, devido ao contexto histórico, temporal e cultural da animação, percebe-se que ao longo da jornada este conceito para com irmãos mais novos se repete, tanto na forma humana quanto posteriormente na forma de urso, motivos pelos quais vai impulsionar o sacrifício de Sitka, a busca de Denahi e a escolha de permanecer como urso de Kenai.

Além disso, algumas falas e atitudes competitivas são identificadas entre os irmãos, o que é esperado pois ainda que as dinâmicas e valores familiares mudem de um grupo para outro, as disputas fraternais são comuns à maioria, tendo um caráter mais lúdico do que agressivo. A forma como os membros administram a convivência entre os irmãos pode levar a uma competição saudável e equilibrada ou promover a criação de inimigos, como em casos em que a inveja e ciúme se estabelecem como um padrão fixo de relacionamento (Britto, 2002). A finalidade dessas disputas é conquistar e preservar um espaço dentro do grupo, garantir uma individualidade, buscar o atendimento satisfatório de interesses e necessidades e ocasionalmente desfrutar das vantagens do poder. As disputas quando bem administradas ensinam a apascentar os sentimentos relativos a perdas e ganhos, promovem alianças, ensinam a dividir e proteger. Neste viés, é possível dizer que a competição existente na animação possui um desfecho positivo, dado que a proteção rodeia toda trajetória entre eles.

Outra característica observada durante o roteiro é a posição que o irmão mais velho ocupa, com a chegada do caçula, o primogênito será deslocado do lugar único que até então ocupava e necessita reorganizar seu espaço, dando início a partilhas, negociações e julgamentos. No entanto, historicamente o lugar da primogenitura ou do primeiro filho masculino foi privilegiado e ele se percebe como modelo para os irmãos, cujos comportamentos serão imitados, ele possui o sentimento de ser mais importante que os demais, em uma posição hierarquicamente superior e com mais responsabilidade. Esta é a imagem apresentada por Sitka, o mais velho entre os três, de modo que a xamã da aldeia faz referência a ele como modelo a ser seguido é necessário durante o processo de apropriação do totem dos demais irmãos.

Com a morte prematura de Sitka, que era aquele que mediava os conflitos de seus irmãos, a relação entre eles ficou fragilizada, e após uma briga onde Kenai o irmão mais novo quer ir em busca do urso para matá-lo, Denahi tenta impedir, porém não consegue.

Kenai mata o urso para vingar a morte de seu irmão, devido a isso é transformado em urso pelos espíritos ancestrais e seu irmão Sitka, que vemos em sua forma totêmica durante todo o filme guiando seus irmãos em suas respectivas jornadas e buscando orientá-los, fazendo uso da situação para ensinar uma lição aos dois irmãos mais novos. Na forma de urso e em busca de ter sua forma humana de volta, Kenai procura a orientação da xamã da aldeia, momento este, mais uma vez marcado pela valorização de uma imagem primogênita como aquele que é uma padrão a ser seguido e possui mais responsabilidades.

4.1.3- Kenai e Koda

Kenai, na jornada de obter a forma humana, encontra Koda, um filhote de urso órfão, que ainda não sabe da morte de sua mãe, e que vai guiar Kenai ao destino onde ele encontrará seu irmão e terá sua forma humana. Durante o percurso, o vínculo entre Kenai e Koda é instaurado e se fortalece. Metaforicamente, é possível dizer que Kenai durante essa jornada é

um significante que substitui o significante do desejo da mãe, como é o caso do significante Nome-do-Pai.

Kenai passa a ocupar um espaço de irmão, para o urso que até então era órfão, tanto que ao final da missão, quando Kenai consegue recuperar a forma humana, prefere retornar ao corpo de urso para priorizar Koda. Além disso, a escolha de permanecer como urso de Kenai enfatiza o caráter necessário, para os humanos, da participação do semelhante no processo de tornar-se sujeito, pois Koda o urso órfão mesmo com a transformação que há da forma urso para humana, consegue reconhecer Kenai, mas este prefere retornar a forma urso para manter os cuidados de Koda.

4.2- Dois Irmãos

4.2.1 Sinopse

O filme “Dois Irmãos - Uma Jornada Fantástica” lançado pela Pixar em 2020 e dirigido por Dan Scanlon traz uma aventura de um mundo que apesar de existir magia, as criaturas não dependiam mais dela para viver, dois irmãos elfos recebem um cajado de bruxo de seu falecido pai, capaz de trazê-lo de volta à vida por um dia. Inexperientes com qualquer tipo de magia, Ian Lightfoot (o mais novo) e Barley Lightfoot (o mais velho) não conseguem executar o feitiço e para passar mais um dia com seu pai, eles embarcam em uma jornada fantástica e rodeada de magia para conseguirem realizar o feitiço e trazer o pai de volta.

Durante essa trajetória os irmãos se deparam com diversos conflitos que cerceiam aquela dinâmica familiar, acaba por entrar em discussão a posição do irmão mais velho, a do mais novo, o lugar da mãe, do pai e do padrasto naquele grupo. Na animação, cada um vai expressando como percebem a si e aos outros à medida que a animação acontece e encontrando soluções para tais conflitos.

Mesmo diante das diferentes percepções que possuem uns dos outros e das diferenças na personalidade, os dois irmãos conseguem chegar a um consenso a respeito das atitudes que devem ser tomadas, vão juntos, questionando e rompendo com algumas imposições familiares em prol de alcançarem seus objetivos e passam a acolher e motivar um ao outro. As diferentes colocações de ambos são essenciais para o desenvolvimento da animação, enquanto um investe, cria, estimula e acredita, o outro assume passos mais cautelosos. Estes dois perfis irão tornar possível a sobrevivência e o enfrentamento das adversidades encontradas no caminho. Após muitos esforços para encontrarem o elemento faltante para magia que irá trazer o pai a vida, os irmãos resolvem algumas pendências que foram expostas durante a jornada, passam a compreender a importância um do outro na relação e esta resolução é o que irá despertar a esperança e impulsionar as atitudes finais para que o objetivo da jornada seja alcançado por meio de ações altruístas.

4.2.2- A dinâmica familiar

A animação é marcada por conflitos na dinâmica familiar e na relação entre os irmãos, enquanto executam o plano que resgata a presença do pai, os quais são naturais e esperados neste tipo de relação. Vários fatores influenciam no desfecho do complexo familiar, na constituição psíquica e na formação dos vínculos entre os irmãos, tais como gênero, diferença de idade, intervenções parentais e temperamento infantil, de modo a facilitar ou dificultar o relacionamento. O tempo em que o novo irmão surge na família pode influenciar nesta dinâmica, se esse surgimento é precoce, durante o desmame por exemplo, pode suscitar impulso de destruição imaginária ou regressão ao objeto anterior, materno. Se seu nascimento é no período pré-edípico irá mobilizar investigação sobre a origem dos bebês e a diferença da sexualidade, precipitando a entrada no Édipo. Se o nascimento é tardio, pode mobilizar no irmão mais velho identificações parentais com consequentes sentimentos de ternura e proteção

(Kehl, M. R. 2000), como no caso da família Lightfoot, onde o irmão mais velho assume a postura de providência.

4.2.3- Pai Real x Pai Simbólico

Durante a animação, percebe-se que o discurso da falta da presença paterna se faz constantemente presente, principalmente em Ian, que mesmo não conhecendo o pai pessoalmente, acredita que teria tido uma vida completamente diferente se seu pai tivesse acompanhado seu crescimento, inclusive tal falta é motivo para os desentendimentos entre os irmãos em vários momentos. Ian se apega as histórias que terceiros falam sobre seu pai e baseado nisso, vai criando uma fantasia sobre o Pai real, como este era e se comportava em vida, ao saber das características do seu pai, ele elabora um cronograma das atividades que gostaria de realizar com ele, quando o objetivo da jornada fosse alcançado. Os dois irmãos encontram-se na fase da adolescência, momento em que ocorre a reedição do Édipo, bem como a separação dos ideais parentais e a escolha de novas referências de identificações para que este desenvolvimento ocorra de modo saudável a função paterna precisa acontecer, pois é ela que irá provocar novas identificações. Ao decorrer do filme, há uma reivindicação dos irmãos, principalmente do mais novo, pela presença paterna. A função paterna tem como uma das atribuições colaborar com o desenvolvimento psicossocial à medida em que contribui com a instauração do complexo de Édipo e suas resoluções, e como fora conceituado por Lacan, esta função pode ser exercida por um outro terceiro.

O Pai simbólico, é aquele que vai provocar a separação entre mãe e bebê e introduzir o indivíduo na ordem e na cultura por meio da interdição do incesto, impondo limites a criança. Para tal, não é necessário que o pai de carne e osso esteja presente, pois a mãe em seu discurso pode levar o Nome-do-pai, barrando os desejos da criança, fazendo-a perceber que não é o falo para mãe e buscar por outros objetos de amor.

Após a separação criança-falo, o pai passa a encarnar o ideal de perfeição, passando a ser representante desse ideal, com o qual a criança se identifica. Vale dizer que essa identificação, não é propriamente com o pai, mas com o que o pai representa. O pai imaginário, idealizado, com quem a criança irá se identificar, estabelecendo como modelo a ser seguido. Nesse viés, é possível articular este conceito com o que o pai imaginário representa para Ian, que vai em busca cada vez mais em se aproximar das características do pai, utilizando objetos pessoais que fora dele, bem como seguir os comportamentos que eram conhecidos por serem do perfil dele. Ian, acaba por se apegar a suposições de como sua vida poderia ser, caso seu pai estivesse presente, além de tentar se moldar de acordo com o pai imaginário. E apegado a este pai imaginário apresenta dificuldades em expandir seu contato social, além de demonstrar medos e inseguranças comuns a essa faixa etária que os impedem de reconhecer seu potencial.

4.2.4- O irmão mais velho

Durante a jornada o irmão mais velho (Barley) é apresentado como aquele que possui o conhecimento e seu papel é instruir Ian a usar magia corretamente para que juntos alcancem o objetivo de terem o pai presente. Ao passo que Barley executa seu papel, Ian percebe que as atividades das quais gostaria de realizar com seu pai biológico, já havia sido preenchida por um outro personagem, seu irmão. Neste sentido, é possível resgatar que Losso (2001), define a função fraterna como uma das funções estruturantes da família, uma função de ajuda recíproca, de colaboração, de assistência em um nível de igualdade, de defesa dos direitos das gerações e de provisão de modelos de identificação entre os irmãos que, por pertencerem à mesma geração, funcionam como modelos de identificação diferentes do dos pais.

4.3 - A relação entre os filmes

Mesmo sendo filmes diferentes tanto em produção quanto em época retratada é perceptível a similaridade de algumas questões abordadas em ambos os longas metragens.

Segundo Lévi-Strauss haveria uma maneira pela qual todos operam, independentemente da realidade cultural, sendo um modelo, estático, imutável e universal. Lévi-Strauss postula que o grupo, ou a sociedade é construído a partir de um conjunto de ordens e uma dessas ordens é o sistema de parentescos, por isso, se verificariam similaridades entre sociedade distintas geograficamente e historicamente. No viés psicanalítico, existem as funções constituintes do sujeito, as quais estão presentes em todas as sociedades: Função Materna, Função Paterna, ainda, mesmo que um conceito relativamente novo, é possível explorar a relação da função fraterna entre os filmes.

Cada uma destas funções irá colaborar de um modo particular para estrutura psíquica e a forma como o indivíduo interage em sociedade. Na abordagem psicanalítica as funções constituintes do sujeito são simbólicas, não precisam ser necessariamente exercidas por pais biológicos, pode ser desempenhada por qualquer pessoa que assuma essa função de forma efetiva (Dolto, 1996 apud, BORGES, 2005, p. 24). Neste viés, ambas animações retratam a função materna sendo exercida por personagens biológicos e não biológicos, como na representação da mãe elfo, a urso ou até mesmo a xamã, são retratadas a relação de alienação materna e dependência como também o de separação, essas figuras assumem posições de presença, ausência e permissão a frustração colaborando para subjetivação de cada um. A manutenção da cultura por meio da preservação e reprodução dos costumes estão presentes tanto nos costumes dos povos da aldeia, na cena do rito de passagem de Kenai para receber o totem, quanto do povo elfo quando Ian Lightfoot faz aniversário e recebe o cajado mágico em uma data específica. Por sua vez, as funções Paternas e Fraternas cerceiam toda trajetória em ambos os longas metragens, a função paterna cumprindo com o papel intervir na relação dual mãe-bebê, contribuindo para que o filho internalize a lei e adentre na ordem e na cultura, desenvolvendo a capacidade de sublimação e voltar-se para outras áreas da vida.

Durante o enredo a função paterna vai colaborar enquanto objeto de identificação, nortear e estimular comportamentos e atitudes. Além disso, os protagonistas encontram-se na mesma faixa etária, a adolescência é uma fase de descobertas, questionamentos, autonomia e identificações. Nota-se que em ambos o irmão mais velho assume a função de orientar e impulsionar a jornada do mais novo, já que historicamente este foi o lugar atribuído ao irmão de maior idade. Outra relação a ser feita entre as duas animações apresentadas é as diferentes personalidades expressas entre eles, segundo Rufo (2003), a diferenciação é essencial para existência e para o equilíbrio psíquico no grupo. Ao passo que o irmão representa uma ameaça, ele também é um corpo e a identificação com essa figura servirá também de imagem para a objetivação do eu, para Lacan (1987). O nascimento do irmão mais novo é de acordo com Freud experiências como a chegada de um intruso que irá disputar o amor dos pais, havendo na relação entre os irmãos características como rivalidade e ciúmes, como expressados nas animações. No entanto, como muito bem trazido nas obras, o companheirismo, cumplicidade e solidariedade tornam possíveis a elaboração das perdas e estímulos a novos desafios (Goldsmid & Carneiro 2007).

V. Considerações Finais

Podemos concluir diante dos tópicos analisados que a função fraterna exerce um papel fundamental na construção do sujeito influenciando na percepção e relação deste com o mundo, permitindo se reconhecer, se diferenciar e socializar. Por exercer influência na psique, esta função colabora para autonomia do sujeito onde na fraternidade o grupo pode encontrar apoio para romper com as regras que ameaçam sua existência ou impedem seus desejos dentro de um contexto de fortes imposições. O homem enquanto ser social necessita de identificações e do sentimento de pertencimento, a fraternidade por sua vez supõe um lugar no qual há o compartilhamento de sangue, nome, histórias, objetos entre outras vivências. Além disso, é por

meio dessas experiências que o elo é fortalecido, para além da definição de irmãos serem aqueles que compartilham os mesmos pais, vale lembrar que no viés psicanalítico as funções constituintes do sujeito são simbólicas, não precisando ser necessariamente exercidas por indivíduos unidos biologicamente, podendo ser desempenhada por qualquer pessoa que assuma essa função de forma efetiva. A função fraterna estimula a competitividade, a rivalidade e a comparação, pois os irmãos se veem em uma posição onde precisam disputar o amor dos pais, mas quando bem manuseados pelos responsáveis tornam-se saudáveis. Ao mesmo tempo, devido às histórias compartilhadas, o irmão pode encontrar no outro o acolhimento, a compaixão e o estímulo necessário para superação das dificuldades. No processo constituinte da psique, o irmão é um outro que vai colaborar para que o indivíduo se reconheça, descubra e se organize. Verificando a literatura psicanalítica Freudiana e Lacaniana além de uma visão na perspectiva antropológica é evidente a influência de uma função fraterna em diversos contextos históricos, como, míticos, antropológicos e psicológicos. Considerando que no processo constituinte da psique, o irmão é um outro necessário para que o indivíduo se reconheça, descubra e se organize é de grande relevância o estudo nessa área, bem como a representação desta temática no cinema, já que como um fenômeno cultural e comunicacional da contemporaneidade se torna uma grande plataforma para abordar tal questão, já que tem a capacidade de incluir diversos públicos. Dessa maneira, espera-se contribuir para a reflexão e incentivar a contribuição com os estudos voltados para esta tese ampliando a visão sobre esta temática ao pensar sobre as histórias, suas estruturas e influências, tão antigas quanto o conceito de narrativa para o homem, é pensar que elas também comunicam algo que está sempre presente na vida do sujeito.

VI. Referências

Aguiar, T. F. D. (2019). O que a amizade (philia) nos diz sobre os fundamentos da democracia? Pressupostos de uma “demofilia”. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 91-125.

Amaral, F. B. (2019). Totem e tabu: notas sobre parricídio e ficção. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 22, 228-236.

Arcuri, I. G., & Daré, P. Vincent e Théo: O Amor Fraternal.

Barcellos, G. (2017). *O irmão: psicologia do arquétipo fraternal*. Editora Vozes Limitada.

Barretta, J. P. F. (2012). O complexo de Édipo em Winnicott e Lacan. *Psicologia USP*, 23, 157-170.

Barzotto, L. F. (2019). Fraternidade e cooperação. *Fraternidade e cooperação*.

Benghozi, P., & Féres-Carneiro, T. (2001). Laço fraterno e continente fraterno como sustentação do laço genealógico. *Casamento e família: Do social à clínica*, 112-118.

Bion, W. R. (1991). O Aprender com a Experiência. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho Original publicado em 1962).

Birman, J. (2003). Fraternidades: destinos e impasses da figura do pai na atualidade. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 13, 93-114.

Campos, D. (2008). A identidade de Freud. *As identificações e a identificação sexual*. Arlete Mourão e Miriam Nogueira Lima (Org.). Rio de Janeiro: Campo Matemático: Intersecção Psicanalítica do Brasil.

Freud, S. (1913). Totem e Tabu. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud

Godoi, B. S., & Noé, S. V. (2018). A morte de Deus, o pai da horda primeva e o interdito. *Reverso*, 40(75), 73-81.

Goldsmid, R., & Carneiro, T. F. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, 13(2), 293-293.

Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP*, 22, 771-788.

In, A. R. T. E. (2008). Dicionário Etimológico: etimologia e origem das palavras.

Kehl, M. R. (2000). *A função fraterna*.

Losso, R., García Badaracco, J., & Kaës, R. (2001). Psicoanálisis de la familia: recorridos teórico-clínicos. In *Psicoanálisis de la familia: recorridos teórico-clínicos* (pp. 364-p).

Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos* (7ª ed.). Porto Alegre: Artmed

Pontes, A. M. (2004). O Tabu do incesto e os olhares de Freud e Levi-Strauss. *Trilhas Revista do Centro de Ciências Humanas e Educação, Pará-Belém*, 5(1).

Rocha, H. D. F. O. (2012). Do pai da horda a Moisés: o ideal como articulador entre o sujeito e a cultura. *Boletim de Psicologia*, 62(137), 117-127.

Theisen, A. P. (2014). A função materna na constituição psíquica.